

EVOLUÇÃO DO CONSUMO DE DROGAS NA ADOLESCÊNCIA – RUPTURA OU CONTINUIDADE?

FERNANDA FEIJÃO
ELSA LAVADO

RESUMO: Descrevem-se os resultados do Inquérito Nacional em Meio Escolar realizado, em Novembro de 2001, numa amostra de cerca de 40 000 alunos representativa dos alunos do Ensino Secundário (10.º ao 12.º anos de escolaridade), a diversos níveis geográficos. Apresentam-se os valores das prevalências de consumo de drogas e de outras substâncias psicoactivas aos níveis nacional, regional e distrital, globalmente e por sexo. Comparam-se estes resultados com os obtidos no Inquérito realizado, na mesma altura, nos alunos do 3.º Ciclo de Escolaridade (7.º ao 9.º anos) e com outros realizados em 1986 e em 1995. Qualquer que seja a análise efectuada, transversal ou longitudinal, constata-se a existência de rupturas e de continuidades na evolução dos prevalências e dos padrões de consumo de drogas.

Palavras-chave: Inquérito; Droga; Meio escolar; Prevalência; Padrão de consumo; Género; Prevenção.

RÉSUMÉ: On décrit les résultats de l'Enquête Nationale en Milieu Scolaire, réalisé au Portugal, en novembre 2001, parmi un échantillon de 40000 élèves représentative des élèves du Baccalauréat (10^{ème} au 12^{ème}), à divers niveaux géographiques. On présente les prevalences de consommation de drogues et d'autres substances psychoactives aux

niveaux nationale, régional et districtal, globalement et par sexe. On compare ces résultats, avec ces de l'Enquête réalisé dans le même moment, parmi les élèves du 3^{ème} Cicle du Basique (7^{ème} au 9^{ème} degrés) et avec ceux des études réalisés en 1986 et 1995. Chez les élèves de ces deux groupes de scolarité, quoi qu'il soit l'analyse, transverselle ou longitudinal, on conclue sur l'existence de ruptures et de continuités dans l'évolution des prevalences et des modèles de consommation de drogues.

Mots-clé: Enquête; Drogue; Milieu scolaire; Prévalence; Genre; Analyse transverselle et longitudinal; Prévention.

ABSTRACT: Results from a National School Survey carried out in November 2001, in a sample of 40000 students, from High School (grades 10th to 12th), representative at different geographical levels, are presented. Prevalences of use of drugs and other psychoactive substances, at national, regional and district levels, globally and by gender, are reported. These results are compared with those from the National School Survey, carried out at the same time among students from the 3rd Level of Basic School (grades 7th to 9th), and to those of surveys carried out in 1999 or in 1986. Disruptions and continuities on prevalences were found when doing either cross-sectional or longitudinal analyses.

Key Words: School survey; Drug; Prevalence; Gender; Cross sectional and longitudinal analysis; Prevention.

1. INTRODUÇÃO

O objectivo do presente artigo é apresentar parte dos resultados do estudo epidemiológico sobre o consumo de substâncias psicoactivas, efectuado numa amostra representativa dos alunos do ensino secundário e reflectir sobre a evolução destes consumos ao longo do tempo e comparativamente o dos alunos mais jovens.

Os resultados que se apresentam referem-se ao **Inquérito Nacional em Meio Escolar – 2001 (INME/2001)**, iniciado no *Instituto Português da Droga e da Toxicoddependência – IPDT* – e concluído no *IDT – Instituto da Droga e da Toxicoddependência*⁽¹⁾. O inquérito foi realizado em amostras representativas dos alunos do 3.º Ciclo do Ensino Básico – resultados parciais publicados nesta revista (Feijão e Lavado, 2003a) – e do Ensino Secundário. Os relatórios finais destes dois inquéritos estão para publicação (Feijão e Lavado, 2003b e 2003c).

Assim sendo, propõe-se que para revisão da situação do fenómeno do consumo de drogas pelos jovens em idade escolar, a nível nacional e europeu, se reveja o artigo atrás referido, passando-se, de imediato, à análise dos resultados do INME/2001 – Ensino Secundário.

2. MÉTODO

O Inquérito Nacional em Meio Escolar – 2001 – Ensino Secundário, é um estudo realizado por inquérito, aos alunos das escolas públicas, através de questionário auto-preenchido, na sala de aula, durante um tempo lectivo normal. A resposta aos questionários foi totalmente anónima, a participação dos alunos voluntária e os dados confidenciais, apenas se divulgando resultados agregados aos níveis em que as amostras são representativas.

3. INSTRUMENTO

O questionário usado no INME foi construído na perspectiva de permitir uma aproximação a uma abordagem ecológica (Bronfenbrenner, 1977) – incluindo os níveis micro, meso e macro social – na descrição e interpretação dos fenómenos da iniciação e desenvolvimento de hábitos de consumo de drogas. Foram, por isso, incluídas além das

variáveis relativas aos comportamentos de consumo de substâncias psicoactivas, outras caracterizando a ocupação de tempos livres, comportamentos anti-sociais (violência activa e passiva), dimensões individuais (sociodemográficos, auto-estima, depressividade, autonomia, *locus* de controlo, conformismo social e expectativas sobre o futuro), familiares (sociodemográficos, comunicação, vinculação, regulação/normas, percepção das relações e das situações problemáticas na família), escolares (aproveitamento escolar, absentismo, percepções dos ambientes físico e relacional, conhecimento de programas de ocupação disponíveis) e residenciais (existência e acesso a programas para ocupação dos tempos livres, percepções dos ambientes físico e relacional, bem como da dimensão social do consumo de substâncias psicoactivas e de outros problemas sociais).

A construção do questionário utilizado – efectuada após consulta a diversos técnicos, quer do IPDT quer de outras instituições com quem o IPDT mantinha colaboração – teve como objectivos, por um lado manter alguma comparabilidade com o questionário que fora usado nos *Estudos em Meio Escolar*, de âmbito nacional, realizados anteriormente (Rodrigues, Antunes e Mendes, 1994, 1996, e 1997), e por outro, proceder a uma actualização das variáveis estudadas de acordo com a literatura mais recente.

4. AMOSTRA

A população alvo deste inquérito foi o conjunto dos alunos que frequentavam o Ensino Secundário público, no ano lectivo 2001/2002. Globalmente estiveram matriculados neste grupo de escolaridade cerca de 370 000 alunos, dos quais 305 000 no ensino público e 65 000 no ensino privado. A amostra foi constituída por cerca de 42 000 alunos do ensino público. A não inclusão de alunos do ensino privado deveu-se por um lado, ao pequeno peso destes alunos no total da população a estudar (cerca de 17%) e por outro, às dificuldades práticas em garantir o nível de rigor de procedimentos alcançado na inquirição dos alunos do ensino público. A amostra incluiu aleatoriamente alunos do ensino regular e do recorrente, dos cursos gerais e dos tecnológicos. Tal como no estudo relativo aos alunos do 3.º Ciclo de

Escolaridade, foram constituídas 60 amostras elementares que asseguraram a representatividade dos resultados para outras tantas regiões geográficas, a saber:

1. Portugal Continental: (a) em cada distrito, para cada concelho capital de distrito e, globalmente, para todos os outros concelhos do distrito (excluindo a capital); (b) os concelhos das Regiões das Áreas Metropolitanas da Grande Lisboa e do Grande Porto; (c) todos os concelhos com, pelo menos, 4000 alunos num dos grupos de escolaridade, ou seja: Almada, Seixal e Barreiro no distrito de Setúbal, e Feira no distrito de Aveiro;
2. Região Autónoma dos Açores para: (a) o concelho de Ponta Delgada e, globalmente, para todos os outros concelhos da Ilha de S. Miguel (excluindo Ponta Delgada); (b) a Ilha Terceira; (c) as outras ilhas em conjunto (excluindo S. Miguel e Terceira);
3. Região Autónoma da Madeira para: (a) o concelho do Funchal; (b) os outros concelhos excluindo o Funchal.

Cada uma destas amostras foi estratificada por ano de escolaridade, sendo a selecção das turmas feita aleatoriamente a partir de uma base de sondagem construída com os dados fornecidos pelo Departamento de Avaliação Prospectiva e Planeamento (DAPP) do Ministério da Educação.

A amostra global incluiu alunos de 2000 turmas de cerca de 500 escolas. Foram obtidos cerca de 41 000 questionários válidos, correspondendo a uma percentagem de cerca de 97% das respostas.

Cada amostra elementar garante com 95% de probabilidade que, relativamente a prevalências da ordem dos 25%, os resultados da população se situem num intervalo de confiança de $\pm 3\%$ relativamente aos resultados encontrados para a amostra, e que, para prevalências da ordem dos 2%, os intervalos de confiança sejam de $\pm 1\%$. Isto significa que cada uma destas amostras teve, em média, uma dimensão de cerca de 700 alunos, variável em função do número real de alunos na região que representava.

5. PROCEDIMENTO

O procedimento neste estudo foi, em tudo, idêntico ao descrito relativamente ao Inquérito no 3.º Ciclo, o que significa que o IPDT (actual IDT) contou com a colaboração do Ministério da Educação, tendo as Direcções Regionais

de Educação e os Conselhos Directivos das Escolas incluídas na amostra promovido as condições necessárias ao cumprimento rigoroso dos procedimentos que lhes foram solicitados, no sentido de garantir a efectiva representatividade da amostra. Cada escola recebeu instruções precisas sobre as turmas que deveriam responder ao questionário. Os professores das turmas seleccionadas que colaboraram na administração dos questionários desempenharam um papel fundamental assegurando as condições adequadas ao seu preenchimento.

O inquérito foi feito por questionário autopreenchido pelos alunos na sala de aula, em situação semelhante à da realização de um teste. Os alunos foram informados pelo professor que o preenchimento dos questionários era voluntário, totalmente anónimo e confidencial.

Cada aluno recebeu um questionário e um envelope, de fecho inviolável, com o carimbo do IPDT. Depois de preenchido, o aluno colocou o questionário dentro do envelope, fechando-o de seguida. No fim da aula o professor recolheu todos os envelopes individuais e colocou-os no “envelope-turma” que foi de imediato, entregue ao Conselho Directivo. A devolução destes envelopes ao IPDT esteve também a cargo dos Conselhos Directivos.

O “envelope-turma” que cada turma seleccionada para a amostra recebeu, continha um número fixo de questionários e envelopes, uma folha de instruções para o professor e um questionário para o professor responder informando sobre o desenrolar da aplicação. Todo o material não utilizado foi devolvido no mesmo “envelope-turma” juntamente com os questionários preenchidos.

A recolha de dados decorreu em meados de Novembro de 2001⁽²⁾. A informatização dos mais de 40000 questionários só ficou concluída em finais de 2002, e foi feita com recurso ao programa “Teleform”. Entretanto, em 2003, apesar das mudanças institucionais, novamente em curso⁽³⁾, planeou-se e implementou-se mais um estudo do *European School Survey on Alcohol and other Drugs (ESPAD)*⁽⁴⁾. Assim, só foi possível concluir a análise de dados do *INME/2001 – Ensino Secundário*, em finais de 2003. As análises estatísticas foram realizadas com o programa SPSS, tendo as prevalências relativas aos diversos níveis geográficos sido obtidas por ponderação dos dados correspondentes às respectivas subamostras.

6. RESULTADOS

À semelhança do que foi feito relativamente aos dados do 3.º Ciclo, apresentam-se de seguida os valores dos indicadores de consumo referentes às *prevalências* ⁽⁶⁾.

O **Gráfico 1**, mostra os valores das prevalências de consumo dos principais grupos de substâncias psicoactivas, bem como as prevalências de consumo dos principais tipos de substâncias incluídas nos grupos “álcool” e “drogas”.

O **álcool** é o grupo de substâncias com maior percentagem de consumidores, entre os alunos do secundário, para qualquer dos períodos temporais considerados – longo da vida, últimos 12 meses ou últimos 30 dias. Consta-se que 9 em cada 10 alunos já tinha experimentado alguma bebida alcoólica (PLV(alc)=91%), que 3 em cada 4 apresentavam consumos recentes (último ano – P12M(alc)=76%) e que perto de metade tinha consumido álcool por altura da

realização do estudo (30 dias anteriores – P30D(alc)=45%). Curiosamente, pela primeira vez, verifica-se que a percentagem de consumidores de bebidas destiladas ultrapassou a percentagem de consumidores de cerveja. Com efeito, embora ao nível da experimentação as percentagens sejam idênticas – PLV(dest.)=81% e PLV(cerv.)=80%, ao nível dos consumos recentes e dos consumos actuais foram maiores as percentagens de alunos com consumos de bebidas destiladas do que de cerveja – P12M(dest.)=67% e P12M(cerv.)=57%; e P30D(dest.)=35% e P30D(cerv.)=28%.

Relativamente ao consumo de **tabaco** entre os alunos do ensino secundário, constata-se que 7 em cada 10 alunos já o experimentaram (PLV(tab) = 70%), cerca de metade declararam consumos recentes (P12M(tab) = 49%) e cerca de um terço afirmaram tê-lo consumido na altura da recolha de dados (P30D(tab) = 33%).

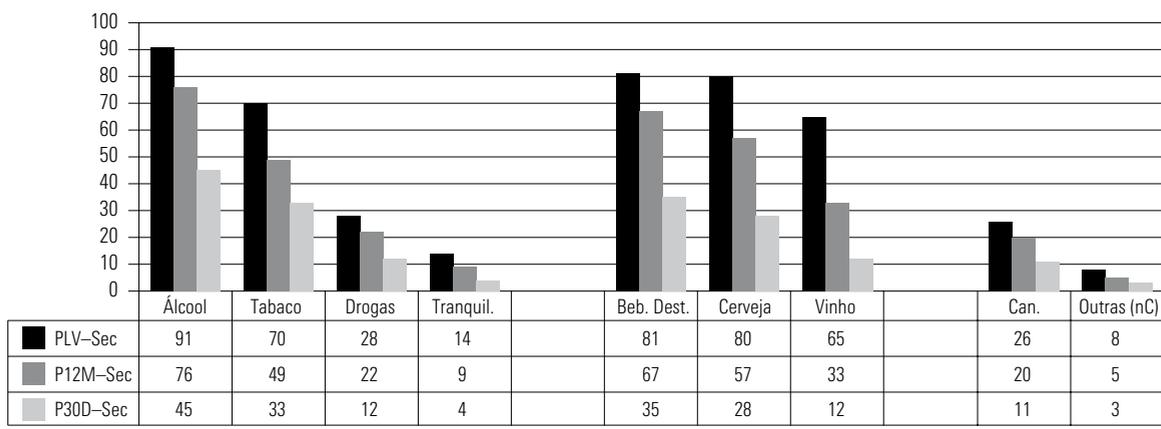


Gráfico 1 – INME/2001 – Portugal – Ensino Secundário. Prevalências de Consumo de substâncias psicoactivas (LV-12M-30D) (%)

Quanto ao grupo de substâncias vulgarmente designadas por **drogas**, mais de um quarto dos alunos (PLV(drg)=28%) disse já ter experimentado alguma das substâncias incluídas nesta designação, cerca de um quinto referiu consumos recentes (P12M(drg)=22%) e cerca de um décimo declarou consumos actuais (P30D(drg)=12%). Uma análise mais detalhada mostra que estes consumos se referem principalmente a “**cannabis**” (PLV(can) = 26%; P12M(can) = 20% e P30D(can) = 11%) e muito menos a “**outras**” **drogas** ⁽⁶⁾ – substâncias ilícitas excluindo a **cannabis** – (PLV(o-dg)=8%; P12M(o-dg)=5% e P30D(odg)=3%).

Relativamente ao consumo de **tranquilizantes, ansiolíticos e anti-depressivos**, os dados mostram que 14% dos alunos já consumira (com ou sem receita médica) algum destes medicamentos, tendo perto de 1 em cada 10 consumido no último ano (P12M(med) = 9%) e 1 em cada 25 consumido no último mês (P30D(med) = 4%).

Quando se analisam detalhadamente os consumos de “**Outras**” **drogas** – **Gráfico 2** – conclui-se que, a nível nacional, apenas 8% dos alunos já as experimentaram, 5% consumiram alguma(s) delas nos últimos 12 meses e apenas 3% o fizeram nos últimos 30 dias. Entre as substâncias

psicoactivas ilícitas, o *ecstasy* apresenta as maiores percentagens de experimentação (PLV(ecs)=5%), logo seguida da *cocaína* e das “*anfetaminas*” (PLV(coc) = PLV(anf) = 4%). Quanto aos alucinogénios – *LSD* e *cogumelos mágicos* – os resultados mostram idênticas percentagens de consumidores para qualquer dos indicadores (PLV(LSD) =

PLV(cog) = 3%, P12M(LSD) = P12M(cog) = 2% e P30D(LSD) = P30D(cog) = 1%). Uma das surpresa destes dados é o facto de a substância com menor percentagem de consumidores de qualquer tipo – experimentadores, consumidores recentes e consumidores actuais/habituais – ser a *heroína* (PLV(her) = 2%, P12M(her) = 1%, e P30D(her) = 1%, respectivamente).

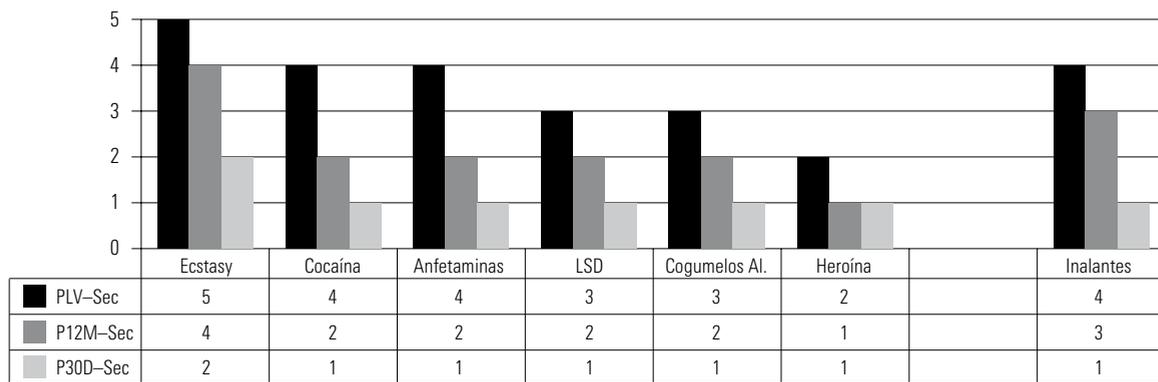


Gráfico 2 – INME/2001 – Portugal – Ensino Secundário. Prevalências de Consumo de substâncias psicoactivas (LV-12M-30D) (%)

Por outro lado, quase 1 em cada 25 alunos (PLV=4%) já tinham experimentado cheirar “inalantes” ou “solventes” – substâncias psicoactivas lícitas, de fácil acesso (colas, aerosóis, etc.).

Constata-se, portanto que, a nível nacional entre os alunos do ensino secundário, o álcool e o tabaco são as substâncias psicoactivas mais consumidas, seguidas das drogas, dos medicamentos e dos inalantes. Entre as

drogas, a cannabis é a única substância a ter consumos relevantes, apresentando o consumo das outras drogas, valores pouco expressivos ou mesmo insignificantes (consumo habitual de qualquer destas substâncias ilícitas apresentava valores da ordem de 1%).

A análise das prevalências de consumo em função do género – **Gráfico 3** – revela, consoante o grupo de substâncias, padrões distintos para rapazes e para raparigas.

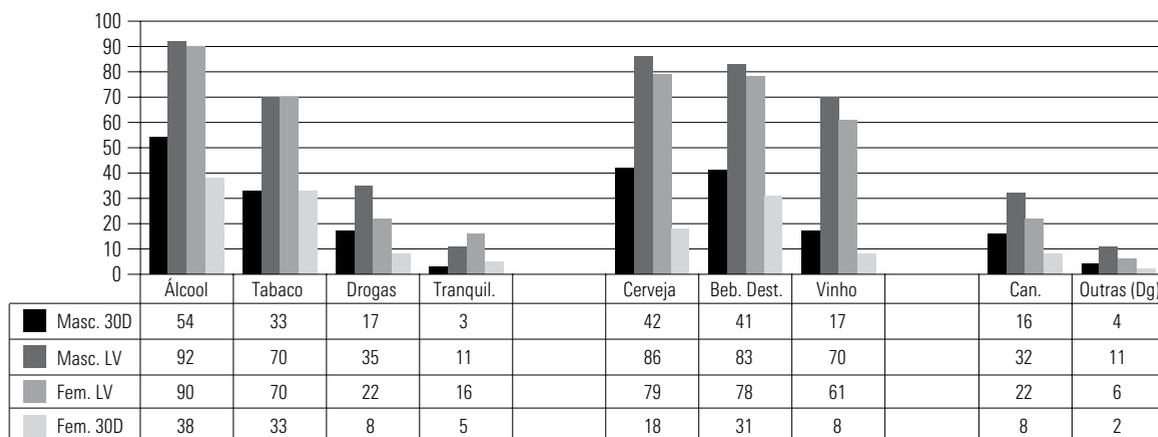


Gráfico 3 – INME/2001 – Portugal – Ensino Secundário. Prevalências de Consumo de substâncias psicoactivas (PLV-P30D) por sexo (%)

Assim, ao nível da **experimentação (PLV)** verifica-se, relativamente ao **tabaco** e ao **álcool**, que a percentagem de consumidores em ambos os sexos era idêntica, quanto às **drogas** era maior a percentagem de rapazes que já tinham experimentado do que a das raparigas (159 rapazes por cada 100 raparigas) e, quanto aos **tranquilizantes**, a situação era inversa (145 raparigas por cada 100 rapazes). Os dados relativos à experimentação das diversas drogas mostram que por cada 100 rapazes que já tinham experimentado **cannabis**, havia 70 raparigas que já o teriam feito, enquanto que por cada 100 rapazes com experiência de consumo de “**outras**” drogas havia apenas 30 raparigas, na mesma situação.

Relativamente ao **consumo actual/habitual (P30D)** constata-se que para o **tabaco** havia igual percentagem de consumidores de ambos os sexos, enquanto que para o **álcool**, globalmente considerado ou por tipo de bebida, existiam diferenças significativas entre os sexos. Estas diferenças eram mais acentuadas quanto à **cerveja** (percentagem de raparigas menos de metade da dos rapazes – 18 e 42%, respectivamente) e menos acentuadas quanto às **destiladas** (percentagem de raparigas cerca de 3/4 da dos rapazes – 31 e 42%, respectivamente). Por outro lado, enquanto que a percentagem de rapazes que consumia habitualmente **cerveja** e **destiladas** era igual (42-41%), havia um terço das raparigas a consumir habitualmente **destiladas** (31%) e menos de um quinto, a consumir habitualmente **cerveja** (18%). Em relação ao consumo habitual de **vinho** a percentagem de raparigas era cerca de metade da dos rapazes – 8 e 17% respectivamente. Quanto ao consumo de **drogas**, ao nível da experimentação a percentagem de raparigas era cerca de 2/3 da dos rapazes (22% das raparigas e 36% dos rapazes, respectivamente), mas quanto ao consumo habitual essa proporção descia para metade (8 e 17%, respectivamente). Este tipo de diferença persiste quando se faz a análise por tipo de droga: **cannabis** e “**outras**” drogas que não a **cannabis**.

Relativamente ao consumo de **medicamentos** tranquilizantes, ansiolíticos e/ou antidepressivos, a percentagem de raparigas era superior à dos rapazes, quer quanto à experimentação, quer quanto ao consumo actual e ao actual/habitual.

Passando à descrição dos **consumos por grandes regiões**

geográficas de Portugal (NUT2), os Gráficos 4 e 5, mostram a distribuição relativa dos consumos de **cannabis** e de “**outras**” drogas.

Relativamente ao consumo de **cannabis**, **Gráfico 4**, podem-se identificar 3 níveis de consumos:

- as regiões do Algarve e dos Açores, com as maiores percentagens de consumidores, quer ao nível da experimentação (cerca de 33%), do consumo recente (cerca de 26%) ou do consumo actual/habitual (cerca de 16%);
- a seguir, a Região de Lisboa/Vale do Tejo e a região do Alentejo, com prevalências de consumo de cerca de 28%, 22% e 12%, respectivamente;
- e por fim, as regiões de Norte, Centro e Madeira com prevalências de cerca de 23%, 18% e 10%, para a experimentação, consumos recente e actual/habitual, respectivamente.

Relativamente ao consumo de “**outras**” drogas por Região, – **Gráfico 5** – embora as prevalências de consumo sejam bastante menores, as diferenças são estatisticamente significativas, podendo-se destacar três grupos:

- Madeira, Açores e Algarve – com as percentagens de experimentação mais elevadas (PLV≥10%);
- Centro, Lisboa/Vale do Tejo e Alentejo – com 8% de alunos que já experimentaram estas drogas, e
- Norte, com a percentagem mais baixa de experimentação (PLV=6%).

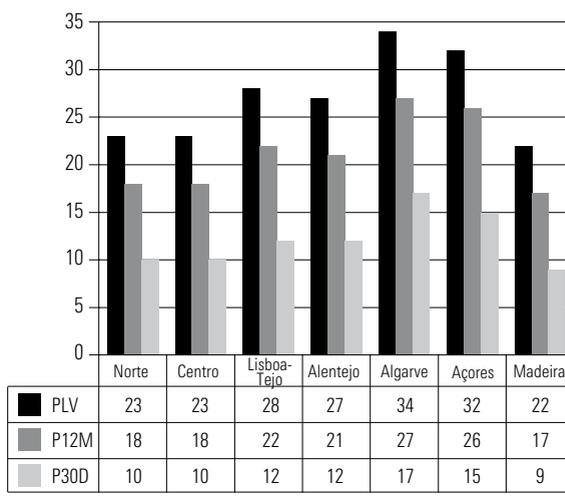


Gráfico 4 – INME/2001 – Portugal – Ensino Secundário. Prevalências de Consumo, por Região (%) – Cannabis

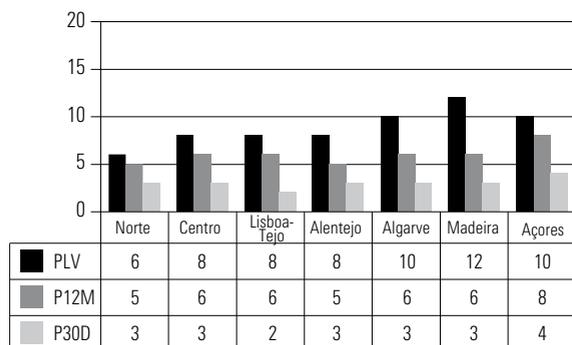


Gráfico 5 – INME/2001 – Portugal – Ensino Secundário. Prevalências de Consumo, por Região (%) – “Outras” Drogas

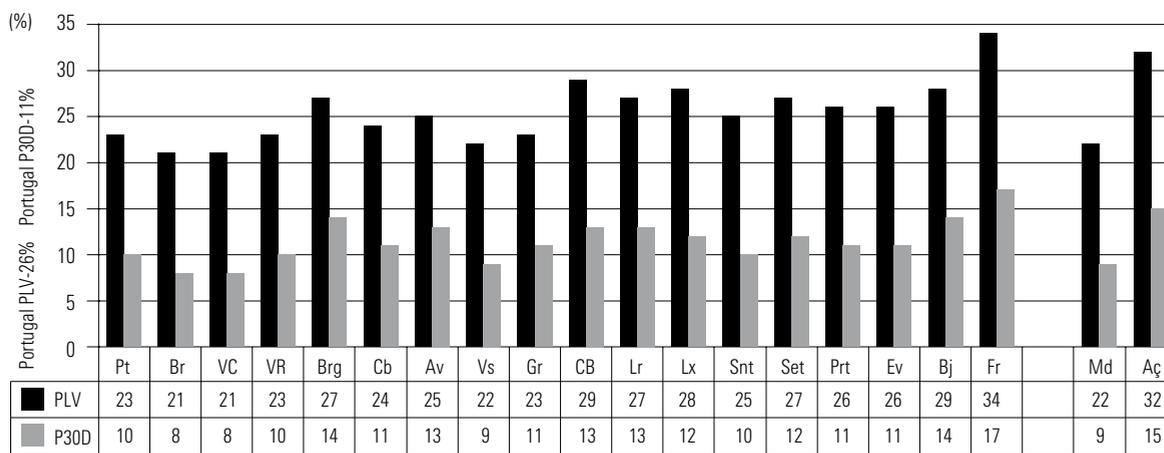


Gráfico 6 – INME/2001 – Secundário (10^o ao 12^o anos) – Cannabis (haxixe/erva/marijuana). Prevalências de Consumo por Região e Distrito: PLV e P30D

Verifica-se que a percentagem de alunos que já tinham experimentado *cannabis* em qualquer dos distritos ou regiões autónomas, era superior a 20%, (média nacional 26% - intervalos de confiança de $\pm 2\%$), mas a percentagem dos que declararam consumos actuais/habituais era menos de metade desse valor (média nacional de 11% - intervalos de confiança de $\pm 1\%$).

Destacavam-se, assim, três níveis de **experimentação** de cannabis:

- acima dos valores médios ($>28\%$) – os distritos de Castelo Branco, Beja, Faro e a Região Autónoma dos Açores;
- dentro dos valores médios ($26\% \pm 2\%$, ou seja, entre 24 e 28%) – Bragança, Coimbra, Aveiro, Leiria, Lisboa, Santarém, Setúbal, Portalegre e Évora;

Passando agora à **análise dos resultados a nível distrital**⁽⁷⁾, apresentam-se as prevalências de consumo dos alunos do Ensino Secundário, relativamente à experimentação e ao consumo actual/habitual da *cannabis* e das “outras” drogas.

O **Gráfico 6** mostra os resultados destas prevalências relativamente à *cannabis*.

– abaixo dos valores médios ($<24\%$) – Porto, Braga, Viana do Castelo, Vila Real, Viseu, Guarda e Região Autónoma da Madeira.

Quanto ao **consumo actual/habitual**, destacavam-se:

- com as *maiores* percentagens de consumidores ($>12\%$): Faro (17%), Ponta Delgada/Açores (15%), Bragança e Beja (14%), Castelo Branco e Leiria (13%);
- com percentagens intermédias ($11\% \pm 1\%$, ou seja entre 10 e 12%): Lisboa e Setúbal (12%), Coimbra, Guarda, Portalegre e Évora (11%), e Vila Real e Santarém (10%);
- com as *menores* percentagens ($<10\%$): Viseu e Madeira (9%) e Braga e Viana do Castelo (8%).

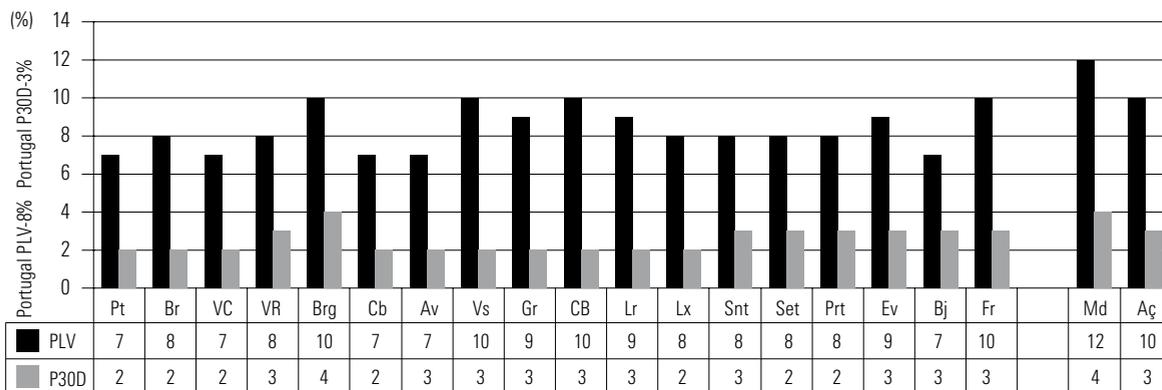


Gráfico 7 – INME/2001 – Secundário (10º ao 12º anos) – “Outras” Drogas (drogas sem cannabis). Prevalências de Consumo por Região e Distrito: PLV e P30D

Para o consumo de **“outras” drogas** – **Gráfico 7** – relativamente ao qual as médias nacionais eram de 8% para a *experimentação* (intervalos de confiança de $\pm 1\%$) e de 3% para o consumo actual/habitual (intervalos de confiança de $\pm 0,5\%$) podem-se identificar 3 grupos de distritos de acordo com os valores das percentagens de **experimentação** destas drogas:

- a Madeira, com a maior percentagem de experimentação (12%),
- os distritos de Bragança, Viseu, Castelo Branco, Faro e ainda os Açores (10%);
- os restantes distritos, todos com valores intermédios (entre 7 e 9%).

Quanto ao **consumo actual/habitual** destas substâncias, destacavam-se:

- com as *maiores* percentagens de consumidores: Bragança e Madeira (4%);
- com valores dentro da média (3%): Vila Real, Aveiro, Viseu, Guarda, Castelo Branco, Leiria, Setúbal, Évora, Beja, Faro e ainda os Açores
- com as *menores* percentagens: Porto, Braga, Viana do Castelo, Coimbra, Lisboa, Setúbal, e Portalegre (2%).

Importa também analisar até que ponto o fenómeno da experimentação e do consumo de drogas se limita a um fenómeno essencialmente urbano, ou, pelo contrário, já se difundiu pelas zonas mais rurais. Com esse objectivo, o INME/2001 utilizou, como já se disse, em cada distrito duas amostras: uma representativa do concelho capital de distrito e outra representativa dos outros concelhos do distrito (distrito fora da capital).

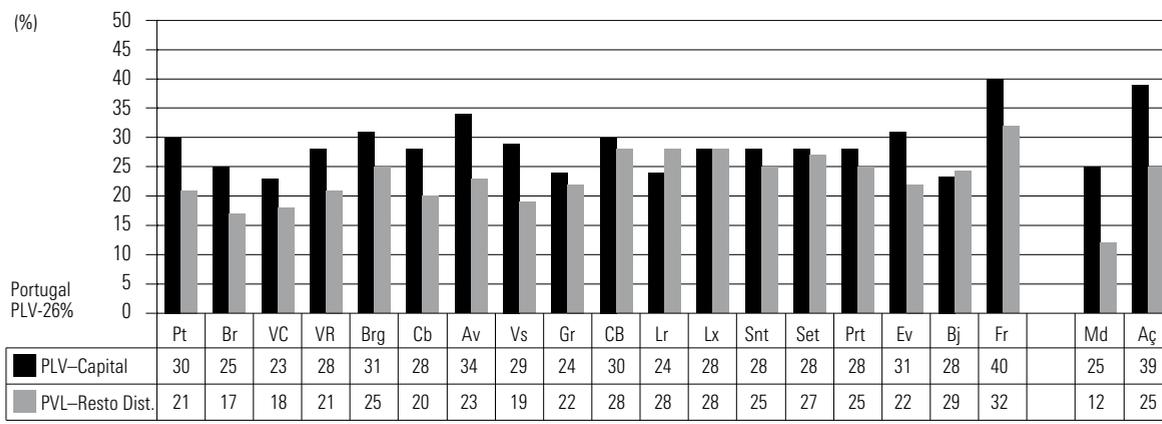


Gráfico 8 – INME/2001 – Secundário (10º ao 12º anos) – Cannabis (haxixe/erva/marijuana). Prevalências de Consumo ao longo da vida, por Distrito: Capital e “Resto” do Distrito (Distrito sem capital)

O **Gráfico 8**, mostra as prevalências relativas à **experimentação** de **cannabis**, em cada distrito por cada uma destas duas zonas geográficas: capital *versus* outros concelhos do distrito.

Tendo em conta o valor obtido para as prevalências, a dimensão das amostras e os intervalos de confiança que daí decorrem, constata-se que:

- não são estatisticamente significativas as diferenças entre a Capital e os “Outros concelhos” nos seguintes distritos: Beja, Bragança, Castelo Branco, Guarda, Leiria, Lisboa, Portalegre, Santarém, e Setúbal;

relativamente aos distritos em que as diferenças são estatisticamente significativas, verifica-se que são maiores as percentagens de consumidores nas capitais de distrito do que fora delas:

- há um grupo de distritos em que a percentagem de experimentação de cannabis fora da capital, varia entre 70 e 80% da percentagem de experimentação na capital: Porto, Viana do Castelo, Vila Real, Bragança, Coimbra, Évora e Faro;
- noutro grupo, as assimetrias são mais acentuadas (percentagens de experimentação fora da capital entre 64 e 68% do valor encontrado para a capital): Braga,

Aveiro, Viseu, e ainda Açores (Ponta Delgada *versus* o resto dos concelhos desta região Autónoma);

- por último, as *maiores diferenças* surgem na Madeira (Funchal/Outros), em que a percentagem de experimentação fora do Funchal é menos de metade (48%) da encontrada para esta capital.

Relativamente à **experimentação** das **“outras” drogas** (**Gráfico 9**), os resultados permitem concluir que:

- não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas para a maioria dos distritos (intervalos de confiança de $\pm 2\%$) entre a experimentação na capital e fora dela;

quanto aos distritos em que as diferenças são estatisticamente significativas, verifica-se que:

- nos distritos de Bragança, Coimbra e Beja ($p < 0.05$), Aveiro e os Açores (Ponta Delgada/Resto) ($p < 0,001$) a percentagem de experimentação na capital é superior 3 a 4% em relação aos restantes concelhos do distrito;
- este tipo de consumo é acentuadamente mais urbano (diferença de 6%, $p < 0,0001$), na Região Autónoma da Madeira: percentagem de experimentação fora do Funchal cerca de metade da existente nesta Capital.

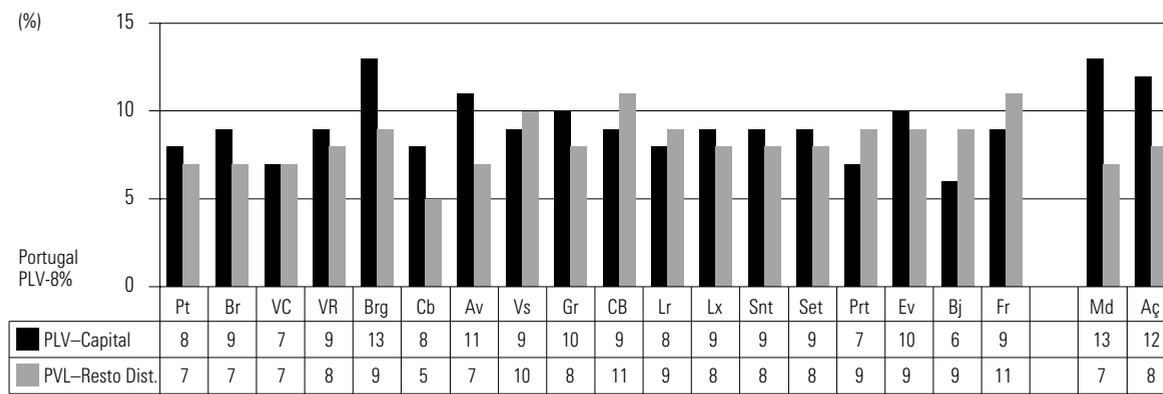


Gráfico 9 – INME/2001 – Secundário (10º ao 12º anos) – “Outras” Drogas (Drogas sem Cannabis). Prevalências de Consumo ao longo da vida, por Distrito: Capital e “Resto” do Distrito (Distrito sem capital)

Assim e em síntese, verifica-se que as diferenças relativas aos níveis de experimentação de drogas, entre as capitais e o resto dos distritos, são pequenas na maioria dos casos, e acentuadas num pequeno número,

destacando-se a Madeira com as maiores assimetrias quer no caso do consumo de cannabis quer no de “outras drogas”.

Do ponto de vista da elaboração de estratégias adequadas para a prevenção dos consumos é fundamental saber se os consumidores são maioritariamente rapazes ou raparigas. Apresentam-se, por isso, a seguir, os resultados referentes às prevalências relativas ao consumo experimental, por distrito, segundo o sexo, relativamente à cannabis e às “outras” drogas.

O **Gráfico 10**, mostra **assimetrias de género** muito variadas, relativamente à **experimentação** de **cannabis** nos diversos distritos, verificando-se que há:

- um único distrito – Beja – em que a diferença entre as percentagens de rapazes e de raparigas que já experimentaram cannabis, não é estatisticamente significativa ($\chi^2 = 3,22$ $p = 0,07$);

para todos os outros distritos, as diferenças entre as prevalências de consumo, de cannabis, ao longo da vida, para rapazes e raparigas, são estatisticamente significativas ($p < 0,001$) variando entre 84 e 43% da dos rapazes. Podem identificar-se, em função da dimensão dessas assimetrias, os seguintes grupos de distritos:

- um grupo em que as *diferenças de género são pequenas* (percentagem de raparigas maior ou igual a 70% e menor que 80% da percentagem de experimentação dos rapazes) – Aveiro, Leiria, Lisboa, Setúbal, e Faro;

- um grupo intermédio de distritos em que as assimetrias são um pouco maiores (percentagem de raparigas maior ou igual a 60% e menor que 70% da percentagem de experimentação dos rapazes): Porto, Vila Real, Coimbra, Castelo Branco, e Setúbal;

- outro grupo em que as assimetrias são ainda mais acentuadas (percentagem de raparigas maior ou igual a 50% e menor que 60% da percentagem de experimentação dos rapazes): Braga, Viana do Castelo, Bragança, Viseu, Guarda, Portalegre e Região dos Açores;

- um último grupo em que a percentagem de raparigas que já experimentou cannabis é menos de metade (<50%) da percentagem dos rapazes que já o fizeram: Évora e Região da Madeira.

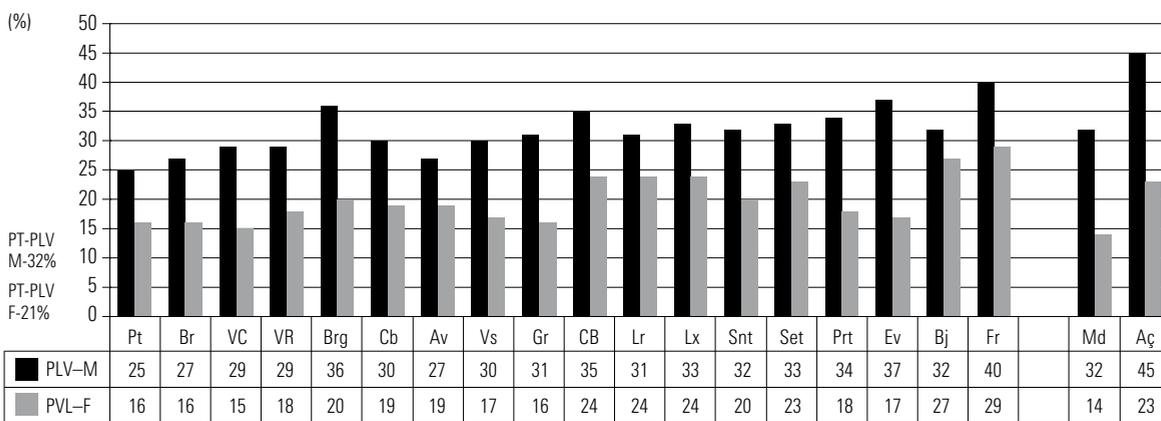


Gráfico 10 – INME/2001 – Secundário (10^o ao 12^o anos) – Cannabis (haxixe/erva/marijuana). Prevalências de Consumo ao longo da vida, segundo o Distrito, por sexo

No **Gráfico 11** mostram-se os valores das prevalências ao longo da vida, segundo o distrito por sexo, indicativas da percentagem de alunos com **experimentação** do consumo de **“outras” drogas**. À semelhança da cannabis, existem:

- dois distritos – Santarém ($\chi^2 = 3,66$ $p = 0,06$) e Beja ($\chi^2 = 3,35$ $p = 0,06$) – em que as diferenças entre as percentagens de experimentação para os rapazes e para as raparigas não são estatisticamente significativas,

sendo-o para todos os outros distritos, e variando a percentagem de raparigas entre 73 e 30% da dos rapazes. Assim, em função da dimensão dessas assimetrias, é possível identificar os seguintes grupos de distritos:

- o grupo em que as assimetrias são menos acentuadas: percentagem de raparigas que já experimentaram “outras” drogas entre 73 e 70% da dos rapazes: Vila Real e Viseu ($p < 0,05$).

- um grupo intermédio em que a percentagem de experimentação das raparigas se situa entre os 67 e os 60% da dos rapazes: Aveiro e Portalegre ($p<0,05$), Castelo Branco, Lisboa, e Beja ($p<0,00001$);
- outro grupo intermédio em que a percentagem de experimentação das raparigas se situa entre 57 e os 50% da

dos rapazes: Guarda ($p<0,001$), Porto, Leiria, Faro, e Açores ($p<0,00001$);

- e, o grupo de distritos em que as assimetrias são mais acentuadas (percentagem de experimentação das raparigas menos de metade da dos rapazes): Braga, Viana do Castelo, Bragança, Coimbra, Évora, e Madeira ($p<0,00001$).

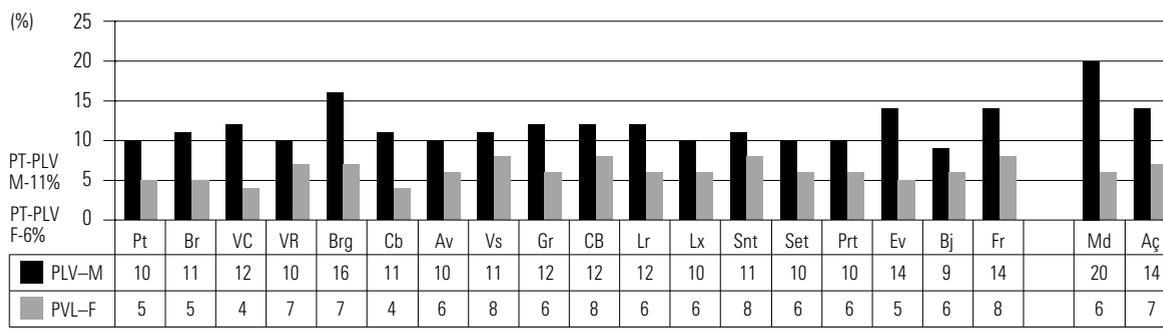


Gráfico 11 – INME/2001 – Secundário (10º ao 12º anos) – Outras Drogas (drogas sem cannabis). Prevalências de Consumo ao longo da vida, segundo a Região e Distrito, por sexo

7. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Assim e **em síntese**, do ponto de vista quantitativo, a **caracterização do consumo de substâncias psicoactivas pelos alunos do Ensino Secundário, em finais de 2001**, era:

Consumo de álcool:

- Quase todos os alunos tinham experimentado bebidas alcoólicas (91%) e cerca de metade consumia-as habitualmente (45%);
- As bebidas alcoólicas consumidas com maior regularidade (consumo habitual) por estes jovens eram as destiladas (35%) seguidas da cerveja (28%);
- A percentagem de raparigas que já tinham experimentado álcool era idêntica à dos rapazes (cerca de 90%) mas quanto ao consumo habitual por tipo de bebida, essa percentagem variava entre metade e dois terços da do rapazes.

Consumo de tabaco:

- Perto de dois terços dos alunos do secundário (PLV=70%) já tinham experimentado fumar tabaco e cerca de um terço fumava habitualmente (P30d=33%);
- Era igual a percentagem de rapazes e de raparigas com este tipo de consumos.

Consumo de drogas:

- Cerca de um terço dos alunos do secundário já tinham experimentado consumir alguma substância ilícita (PLV=28%) e cerca de um décimo consumia habitualmente (P30D=12%);

- Ao nível da experimentação, a percentagem de raparigas era cerca de 2/3 da dos rapazes (22 e 36%, respectivamente) e ao nível dos consumos habituais era cerca de metade (8 e 17%, respectivamente).

Consumo de medicamentos (tranquilizantes/ansiolíticos/antidepressivos):

- Cerca de um sétimo dos alunos do secundário (14%) já tinham consumido alguma vez tranquilizantes, ansiolíticos ou antidepressivos – com ou sem receita médica – e cerca de 1 em cada 25, consumia-os habitualmente (4%);
- A percentagem de rapazes que já tinham experimentado (11%) ou consumiam habitualmente (3%) este tipo de medicamentos era cerca de 2/3 e 1/2, respectivamente, da das raparigas (PLV=16% e P30D=5%).

Por outro lado, e já que o INME o permite, uma análise transversal, comparativa da fenómeno do consumo de drogas, em 2001, entre os alunos mais jovens – 3.º Ciclo do Ensino Básico – e os mais velhos – Ensino Secundário – é importante, quer para evidenciar semelhanças, quer para chamar a atenção para as diferenças que devem ser tidas em conta na concepção das acções de prevenção a implementar.

Assim, uma análise do ponto de vista da distribuição geográfica da experimentação do consumo de drogas – cannabis e “outras” drogas – entre os alunos destes dois grupos de escolaridade, pode ser feita através dos mapas que seguem.

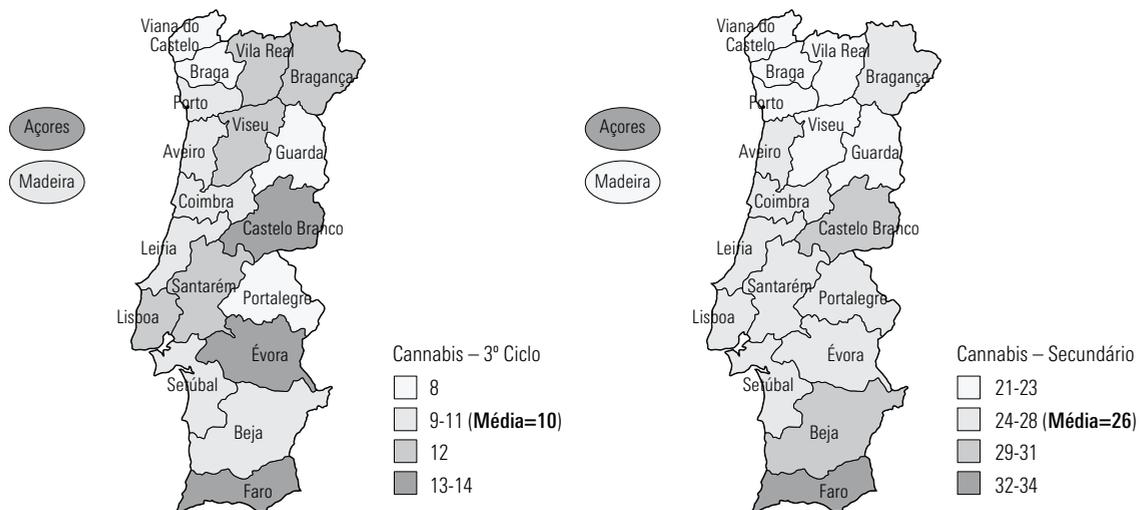


Figura 1 – INME/2001 – PLV. Cannabis – 3º Ciclo/ Cannabis – Secundário

A comparação dos resultados nos dois grupos evidencia, relativamente à experimentação da *cannabis*, por um lado, *diferenças ao nível:*

- da dimensão do fenómeno – médias de experimentação de 10% no 3.º Ciclo e 26% no Secundário;
- e dos distritos/regiões mais problemáticas que não coincidem no 3.º Ciclo e no Secundário;

e por outro lado *semelhanças*, na medida em que,

- em ambos os grupos de escolaridade, os distritos/regiões mais problemáticas corresponderem a regiões que *não são as mais densamente povoadas*.

Os mapas que seguem, mostram a distribuição do **consumo experimental** das *"outras" drogas* (ecstasy, cocaína, anfetaminas, LSD, cogumelos alucinógenos/ mágicos, heroína).

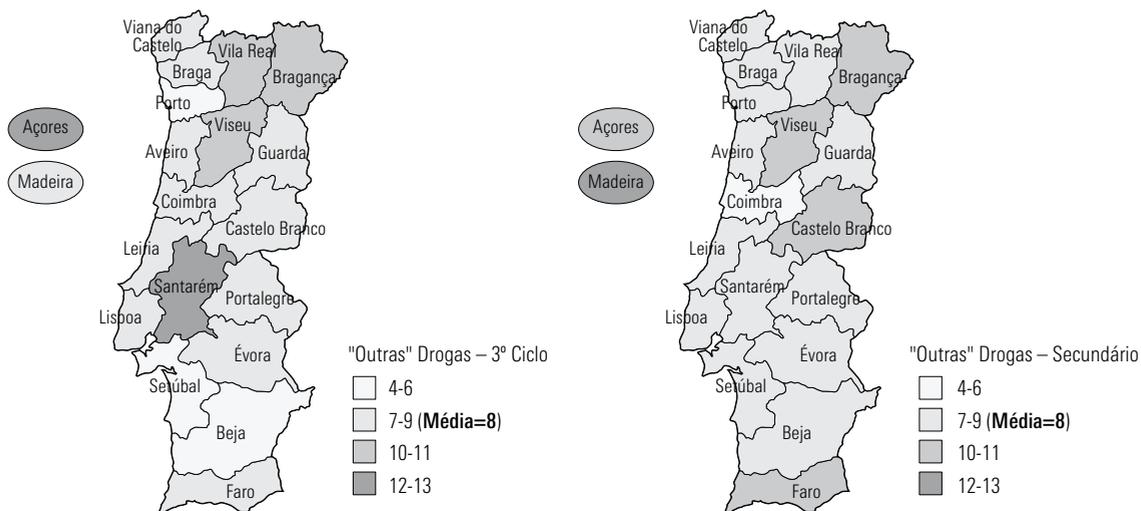


Figura 2 – INME/2001 – PLV. "Outras Drogas" – 3º Ciclo/ Cannabis – Secundário

A análise dos resultados, relativamente à experimentação de “outras” drogas, nos dois grupos de escolaridade, permite igualmente concluir pela existência de diferenças quanto:

– à distribuição geográfica das regiões mais problemáticas, embora menores do que no caso da cannabis; e de *semelhanças*, quanto:

– à dimensão da experimentação (média de 8% em ambos os grupos);

– e ao facto das regiões mais problemáticas, em ambos os grupos, também se situarem em zonas menos urbanas.

Estes resultados, são de certo modo surpreendentes já que – tendo em conta os resultados de estudos anteriores – era previsível que o consumo dos alunos do Secundário fosse superior ao dos alunos do 3.º Ciclo. Esta igualdade de médias sugere, assim e por isso, uma **ruptura nos padrões tradicionais de consumo** dos alunos destes dois grupos.

Por outro lado, comparando as *prevalências da Cannabis e de “Outras” Drogas, dentro de cada um dos grupos de escolaridade*, constata-se que **no 3.º Ciclo**, elas *são muito próximas* – PLV(cannabis/3C) = 10% e PLV (outras drogas/3C)=8% – enquanto que **no Secundário**, como já se disse, *são muito diferentes* – PLV(cannabis/sec)= 26% e PLV (outras drogas/sec) = 8%. Ou seja, a ruptura que aqui se sugere é ao nível do *modo como os alunos mais jovens estão a iniciar-se no consumo de drogas*: contrariamente ao que sucedia com os mais velhos que distinguíam claramente entre a cannabis e as “outras” drogas, os mais jovens apresentam percentagens de experimentação da mesma ordem de grandeza.

Também o facto dos distritos de Lisboa e do Porto (que incluem áreas metropolitanas de maior densidade populacional) não se encontrarem entre as zonas com maiores prevalências de consumo, foi inesperado, e sugere uma *difusão generalizada do hábito do consumo de drogas às zonas do interior*, ao contrário do padrão geográfico, essencialmente localizado nas grandes áreas metropolitanas de Lisboa e Porto e no Algarve, que era suposto existir há uns anos atrás.

A tentativa de compreensão destes resultados remete necessariamente para a questão de saber até que ponto os melhores resultados encontrados nas regiões mais urbanas são uma consequência de terem sido esses os locais onde se centraram, até 2001, a maioria das acções de prevenção. Por último, uma análise longitudinal, permitirá acompanhar a evolução dos consumos ao longo do tempo, e perceber a dinâmica do desenvolvimento do fenómeno na actualidade. Para isso, tendo em conta os estudos anteriores efectuados (Rodrigues, *et al.* 1996, 1997) em amostras representativas a nível nacional, é possível fazer uma comparação “relativa” das prevalências de consumo do estudo de 2001 com as de estudos anteriores. Com efeito, considerando que a metodologia foi muito semelhante e que as perguntas sobre os consumos também o eram, apesar de os questionários utilizados em 2001 e em anos anteriores serem diferentes, é possível perceber o sentido da evolução dos consumos das diferentes substâncias.

Os Gráficos 14 e 15 referem-se às Prevalências ao Longo da Vida (PLV) e nos Últimos 30 Dias (P30D) do consumo das diferentes substâncias lícitas e ilícitas.

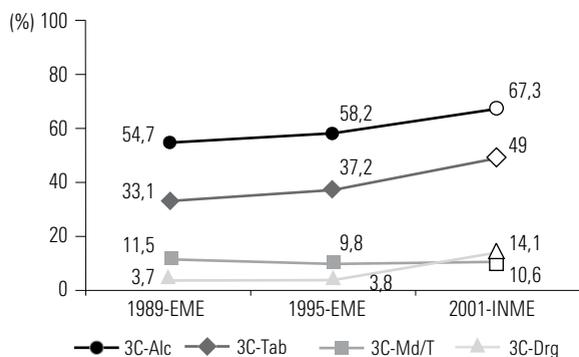


Gráfico 12 – 3º Ciclo – Evolução das Prevalências ao longo da vida

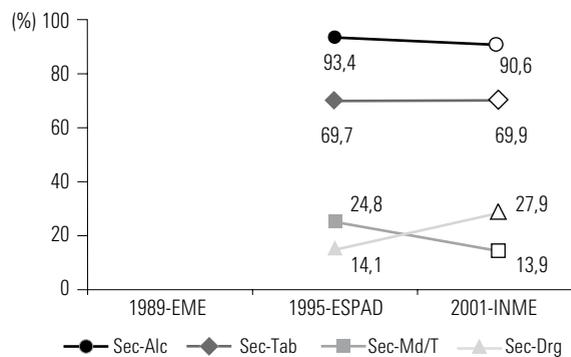


Gráfico 13 – Secundário – Evolução das Prevalências ao longo da vida

A análise dos resultados, de 1995 e 2001, relativos à **experimentação (PLV)** permite concluir que:

no 3.º Ciclo:

- houve um aumento da percentagem de jovens que experimentaram álcool, tabaco e drogas;
- manteve-se estável a percentagem de jovens que já tinham consumido, alguma vez, medicamentos tranquilizantes, ansiolíticos e/ou antidepressivos.

no Ensino Secundário:

- houve um aumento da percentagem de jovens que experimentaram drogas;
- manteve-se a percentagem de experimentação de tabaco;
- decresceram as percentagens de jovens que experimentaram álcool e aquele tipo de medicamentos;

Relativamente aos **consumos actuais/habituais**, os resultados das Prevalências nos Últimos 30 Dias, permitem

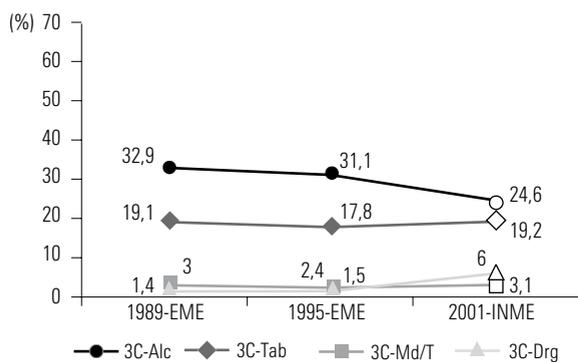


Gráfico 14 – 3º Ciclo – Evolução das Prevalências. Últimos 30 dias

Deve-se no entanto recordar que, além destes estudos terem usado instrumentos de recolha de dados diferentes, os resultados de 1995 referem-se apenas a alunos do ensino normal diurno que estavam na escola em Abril (altura em que já muitos abandonaram as aulas), enquanto que os de 2001 englobam alunos dos cursos gerais e tecnológicos, do ensino normal e do recorrente, que estavam na escola em Novembro (início do ano lectivo, antes dos abandono das aulas).

Globalmente e em síntese, de 1995 para 2001, constata-se que:

- **álcool** – embora a experimentação aumente entre os

mostrar que:

no 3.º Ciclo:

- houve aumento da percentagem de jovens com consumos habituais de tabaco e drogas;
- manteve-se estável a percentagem de jovens com consumos habituais de tranquilizantes/ansiolíticos/antidepressivos;
- decresceu a percentagem de alunos com consumos habituais de álcool;

no Ensino Secundário:

- houve um aumento da percentagem de jovens com consumos habituais de drogas;
- manteve-se a percentagem de consumos habituais de tabaco;
- decresceram as percentagens de jovens com consumos habituais de álcool e de tranquilizantes ou antidepressivos;

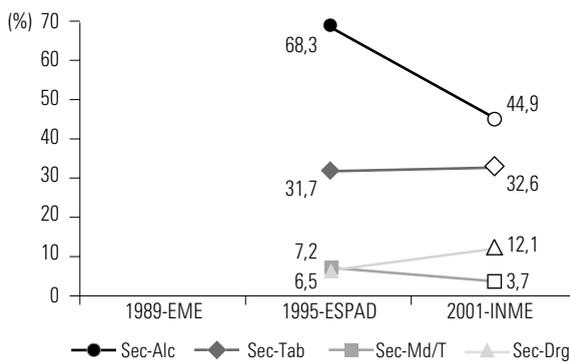


Gráfico 15 – Secundário – Evolução das Prevalências. Últimos 30 dias

alunos do 3.º Ciclo, o consumo habitual decresce, decrescendo também, quer a experimentação, quer o consumo habitual entre os alunos do Secundário;

- **tabaco** – aumenta a experimentação entre os alunos do 3.º Ciclo, mas mantem-se, quer o consumo habitual entre estes, quer a experimentação ou o consumo habitual entre os do Secundário;
- **medicamentos** (tranquilizantes e/ou antidepressivos) - manteve-se estável a experimentação e diminuíram os consumos habituais nos dois grupos de escolaridade;
- **drogas** – aumentaram, quer a experimentação quer o consumo habitual, nos dois grupos de escolaridade.

8. CONCLUSÃO

Na dupla análise aqui apresentada, foram evidenciadas rupturas e continuidades no desenvolvimento do fenómeno do consumo de substâncias psicoactivas entre os adolescentes portugueses que frequentam o ensino oficial. Concretamente no que diz respeito ao consumo de drogas, a **análise transversal** efectuada aos resultados de 2001, revelou:

1. Quanto ao consumo de cannabis:

– continuidade no sentido de que, como era de esperar, as prevalências de consumo no secundário foram mais elevadas do que no 3.º Ciclo, mas também uma dupla ruptura ao nível da dimensão desses consumos; com efeito, os valores das prevalências evidenciaram um acréscimo relevante não só ao nível da experimentação, mas também quanto aos consumos habituais em ambos os grupos de escolaridade;

– continuidade também, quanto ao desenvolvimento do fenómeno no espaço geográfico em ambos os grupos de escolaridade, no sentido em que se assiste a uma dispersão do consumo por todo o país (há alguns anos, o fenómeno era essencialmente urbano) – o que está de acordo com a “teoria da difusão” – mas também ruptura, porque as regiões com maiores prevalências de consumo, já não eram necessariamente as mais urbanas;

2. Quanto ao consumo de “outras” drogas:

– Rupturas, quanto à dimensão do consumo no 3.º Ciclo – já que é da mesma ordem de grandeza do consumo de cannabis, neste mesmo grupo, e também da mesma ordem de grandeza do consumo equivalente (“outras” drogas) no Secundário, o que, em ambos os casos, não era usual – e continuidade no Secundário visto que, como era usual, as prevalências de consumo são muito inferiores às da cannabis, no mesmo grupo;

– Rupturas ainda quanto ao desenvolvimento do fenómeno a nível geográfico, já que em ambos os grupos de escolaridade, as regiões com prevalências de consumo mais elevadas, não foram as mais urbanas;

3. Relativamente a ambos os grupos de substâncias, a dimensão dos consumos relativos aos rapazes e às raparigas, embora pareça apontar para uma progressiva semelhança, ainda é bastante heterogénea, variando a

diversidade encontrada em função, quer da substância em análise, quer da situação geográfica.

Quanto à **análise longitudinal**, relativa ao consumo global de drogas, de 1999 para 2001, constatou-se a existência de um acréscimo das percentagens de consumidores, tanto no 3.º Ciclo como no Secundário, e tanto, quanto ao consumo experimental, como quanto ao consumo actual/habitual.

Emergem, assim, diferentes padrões de consumo de drogas, para os alunos do Secundário e para os do 3.º Ciclo. O padrão de consumo referente a “Outra” drogas”, é mais preocupante, entre os mais novos, e o de cannabis, é mais preocupante entre os mais velhos.

Sabe-se – de acordo com as teorias dos sistemas complexos e do caos determinista (Lert, 2000; Philippe, 2000; Poirier, 2000; Stacey, 1991; Teixeira, 1993; White, 2002 & Yukhananov, 1997) que os fenómenos naturais e/ou sociais, se desenvolvem de acordo com padrões que podem ser constantes, cíclicos, complexos e caóticos, mais ou menos previsíveis ao longo do tempo, consoante o tipo de estabilidade do meio em que decorrem e o número de factores em jogo.

Alguns dos fenómenos cíclicos alternam períodos de alta e de baixa intensidade. Até que ponto o fenómeno do consumo de drogas nos jovens em idade escolar seguirá um desenvolvimento deste tipo e quais os factores que podem condicionar esse processo, é matéria de contínua discussão, particularmente no momento actual em que se prepara a avaliação da Estratégia Nacional de Luta contra a Droga e a Toxicodependência 2000-2004 e se procuram respostas que permitam otimizar os resultados das intervenções que vierem a ser planeadas no âmbito da nova estratégia.

Para já, os resultados aqui apresentados parecem sugerir que, a serem cíclicos, os fenómenos do consumo de cannabis e de “outras” drogas, parecem seguir curvas de desenvolvimento diferentes, desfasadas no tempo e no espaço e por grupo de escolaridade. Mas, para além desta estabilidade e previsibilidade relativas, seria de todo o interesse conseguir identificar as circunstâncias e os factores passíveis de desencadear ciclos virtuosos e viciosos no desenvolvimento destes fenómenos, já que isso permitiria dirigir as intervenções preventivas para as áreas críticas, em cada lugar e em cada momento, introduzindo uma eficiência acrescida nas intervenções.

Como já se disse anteriormente, em 2003, teve lugar o inquérito europeu ESPAD. Este estudo tem como alvo o grupo de alunos que completa 16 anos no ano em que este se realiza. O Relatório Europeu (Hibell *et al.*, 1997, 2000) com dados comparativos sobre a evolução dos consumos em 1995, 1999 e em 2003, para mais de 30 países, estará disponível no final de 2004 (Hibell *et al.*, 2004), o mesmo sucedendo com o relatório nacional (Feijão & Lavado, 2004). Em Portugal, pela primeira vez, este Inquérito fornecerá dados representativos, a nível nacional, dos alunos de cada um dos grupos etários dos 12 aos 18 anos, mas representativos também de cada ano de escolaridade. Isto permitirá obter, por ponderação, valores globais representativos do 3.º Ciclo e do Secundário. Os resultados do 3.º Ciclo poderão ser “relativamente” comparados com os de 1995 e 2001 (já que usaram questionários diferentes), mas os do Secundário são directamente comparáveis com os de 1995 (utilizam a mesma metodologia e o mesmo questionário).

Será, deste modo, acrescentado mais um ano de referência na série temporal de dados sobre os consumos em jovens em idade escolar, que Portugal, embora com atraso relativamente a muitos outros países, está finalmente a construir de forma sistemática. Esta informação permitirá acompanhar a evolução deste fenómeno, ao longo do tempo, ao nível das diferentes regiões quer da Europa (ESPAD) quer do nosso país (INME).

Contacto

Fernanda Feijão

Elsa Lavado

Observatório da Droga e da Toxicodependência

Instituto da Droga e da Toxicodependência

Av.ª João Crisóstomo, 14

1000-079 Lisboa

E-mail: fernanda.feijao@idt.min-saude.pt

NOTAS

(1) Recordar-se que o **IDT** – Instituto da Droga e da Toxicodependência, resultou da fusão entre o **IPDT** - Instituto Português da Droga e da Toxicodependência e o **SPTT** – Serviço de Prevenção e Tratamento da Toxicodependência.

(2) Em estudos anteriores, a recolha de dados decorria em Março/Abril. No entanto, as mudanças organizacionais decorrentes da integração do Projecto Vida no IPDT (DL n.º 88, 89 e 90 /2000 de 18/5, e Portarias 108 e 109/2001 de 22/2), inviabilizaram essa possibilidade, tendo-se optado por efectuar essa recolha no mês de Novembro.

(3) resultantes da fusão entre o IPDT e o SPTT dando origem ao IDT – DL. N.º 269-A/2002, de 29/11; DL. N.º 1/2003 de 6/1 e Portaria N.º484/2003 (2.ª série) de 15/4/2003, que, entre outras, teve como consequência a diminuição da equipa e a atribuição de tarefas adicionais.

(4) Este estudo realiza-se, a cada 4 anos, em mais de 30 países europeus.

(5) As prevalências de consumo indicam a percentagem de alunos que, num determinado período de tempo, tiveram pelo menos uma experiência de consumo da substância em referência. Utilizam-se habitualmente: a PLV – Prevalência ao Longo da Vida (considerada como um indicador da experiência de consumo), a P12M – Prevalência nos Últimos 12 Meses (considerada como um indicador do consumo recente) e a P30D – Prevalência nos Últimos 30 Dias (considerada como um indicador do consumo actual) (OEDT, 2002).

(6) No contexto deste artigo a expressão “*outras*” drogas refere-se globalmente ao consumo de ecstasy, cocaína, anfetaminas, LSD, cogumelos mágicos (alucinogénios) e heroína.

(7) Atendendo à dimensão populacional das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, serão estabelecidas comparações com os valores das prevalências encontrados para os Distritos de Portugal Continental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bronfenbrenner, U. (1977). "Toward the development of an experimental human ecology". *American Psychologist*, (7): 513-531.

Feijão, F. & Lavado, E. (2002). *Inquérito nacional em meio escolar -2001-3.º ciclo. Consumo de drogas e outras substâncias psicoativas. Resultados preliminares*. (www.ipdt.pt).

Feijão, F. & Lavado, E. (2003a). *Assimetrias geográficas e jovens consumidores de drogas. Portugal 2001. Toxicodependências* (9) 1: 73-84.

Feijão, F. & Lavado, E. (2003b). *Inquérito Nacional em Meio Escolar -2001. Consumo de drogas e outras substâncias psicoativas: uma abordagem integrada*. Lisboa: IDT (em publicação).

Feijão, F. & Lavado, E. (2003c). *Inquérito Nacional em Meio Escolar -2001. Consumo de drogas e outras substâncias psicoativas: uma abordagem integrada. Vol. II – Ensino Secundário*. Lisboa: IDT (em publicação).

Hibell et al. (1997). *The 1995 ESPAD report*. Stockholm: CAN.

Hibell et al. (2000). *The 1999 ESPAD report*. Stockholm: CAN.

Hibell et al. (2004). *The 1999 ESPAD report*. Stockholm: CAN (em publicação).

Lert, F. (2000). "Le point de vue de l'épidémiologiste. L'approche de la vulnérabilité face à la dépendance dans le champ de la santé publique". In Tassin, J. P.; Doray, B.; Fuher, R.; Mormède, P. (Eds.). *Variabilités individuelles des sensibilités à la dépendance*. Paris: INSERM.

Philippe, P. (2000). "Epidemiology and self-organized critical systems: An analysis in waiting times and disease heterogeneity". *Non-linear Dynamics, Psychology and Life Sciences*, (4): 275-295.

Poirier, M. (2000). "Le point de vue du psychiatre. Concept de dépendance et de vulnérabilité individuelle en psychiatrie". In Tassin, J.P.; Doray, B.; Fuher, R.; Mormède, P. (Eds.). *Variabilités individuelles des sensibilités à la dépendance*. Paris: INSERM.

Rodrigues, L. & Antunes, C. (1996). *Estudos em Meio Escolar – 3.º ciclo diurno. Portugal Continental. 1989. Relatório preliminar*. Lisboa: GPCCD (não publicado).

Rodrigues, L.; Antunes, C. & Mendes, Z. (1996). *Estudos em Meio Escolar – 3.º ciclo diurno. Portugal Continental. 1995. Relatório preliminar*. Lisboa: GPCCD (não publicado).

Rodrigues, L.; Mendes, Z. & Antunes, C. (1997). *Inquérito a alunos do ensino secundário. Portugal 1995*. Lisboa: GPCCD.

Stacey, D. R. (1991). *A fronteira do caos*. Lisboa: Bertrand.

Teixeira, J. E. M. (1993). *Toxicodependência e auto-organização*. Lisboa: Instituto Piaget.

White, F. (2002). "A behavior/systems approach to the neuroscience of drug addiction". *The Journal of Neuroscience*, (22): 3303-3305.

Yukhananov, R. (1997). *Bifurcation model of drug dependence. Madison chaos and complex systems seminar*. Madison: Wisconsin University, November.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Hayden, T. (1997). *Complex systems and problem human behavior. Madison chaos and complex systems seminar*. Madison: Wisconsin University, October.

Poirier, M. (2000). "Dynamic models in drug epidemiology". In Sharp, F.; Neamen, R. (Eds.). *Modelling drug use: methods to quantify and understanding hidden processes*. Lisbon: European Monitoring Center for Drugs and Drug Addiction.

Wiessing, L.; Hartnoll, R.; Rossi, C. (2001). "Epidemiology of drug use at macro level: indicators, models and policy making". In Sharp, F.; Neamen, R. (Eds.). *Modelling drug use: methods to quantify and understanding hidden processes*. Lisbon: European Monitoring Center for Drugs and Drug Addiction.